

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÊNEROS: A GUERRA NO CINEMA
PARTE I - O CINEMA NO CAMPO DE BATALHA
13 e 23 de fevereiro de 2023

MERRILL'S MARAUDERS / 1961

(Bravos até ao Fim)

um filme de Samuel Fuller

Realização: Samuel Fuller / **Argumento:** Samuel Fuller, Milton Sperling, segundo o romance de Charlton Ogburn Jr. / **Fotografia:** William Clothier / **Música:** Howard Jackson / **Montagem:** Folmar Blangsted / **Interpretação:** Jeff Chandler (Brigadeiro Frank Merrill), Ty Hardin (Tenente Lee Stockton), Peter Brown (Bullseye), Andrew Duggan, (Major "Doe" Nemeny), Will Hutchins (Chowhound), Claud Akins (Sargento Kolowicz), Luz Valdez (rapariga birmanesa), John Hoyt (General "Vinegar Joe" Stilwell), Charles Briggs, Chuck Roberson.

Produção: United States Production para a Warner Brothers / **Produtor:** Milton Sperling / **Cópia:** 35mm, colorida, legendada eletronicamente em português, 97 minutos / **Estreia Mundial:** 7 de Julho de 1962 / **Estreia em Portugal:** Éden, a 17 de Maio de 1963.

Merrill's Marauders é um filme de Raoul Walsh filmado por Fuller. De facto, apesar do muito que distingue os dois realizadores o que **Merrill's Marauders** evoca logo à partida é **Objective Burma!**, que o autor de **White Heat** fez em 1945. E isto tem a ver não só com o argumento: uma operação especial na Birmânia, mas por sequências que têm uma estranha semelhança. É o caso, por exemplo, do ataque nocturno, perto do fim, em que os japoneses criam uma série de emboscadas destinadas a eliminar um após um os homens entrincheirados. Há planos que parecem saídos do filme de Walsh como aqueles em que, nas trevas, se combate individualmente, de arma branca. Mas se, no tema, as relações entre os dois filmes são mais do que evidentes, já na forma as diferenças são flagrantes. Estamos perante um filme de Fuller, com o seu estilo inconfundível, para além de preocupações éticas que prolongam as dos seus filmes de guerra anteriores: **The Steel Helmet**, **Fixed Bayonets** ou **China Gate**. Seja para já este último aspecto, apesar das alterações que o argumento sofreu, porque, pela primeira vez desde há muito, Fuller não tem à sua responsabilidade a produção do filme, sendo responsável por ela o co-argumentista, Milton Sperling.

Numa entrevista, Fuller descreve as peripécias que o levaram à realização de **Merrill's Marauders**, sendo a moeda de troca para as cedências, a possibilidade de realizar, mais tarde e à sua vontade, **The Big Red One**, que, no fim de contas, acabaria por ter de esperar quase cerca de vinte anos. O filme estava, em princípio, previsto para Gary Cooper na figura de Merrill, o único que, para Fuller, parecia reunir a autoridade física e moral para o papel. A morte de Cooper deu um golpe no projecto, para além dos problemas que os estúdios (a Warner, especializada em filmes de guerra de carácter heróico) levantaram a uma sequência que Fuller achava fundamental para dar a verdadeira atmosfera da guerra: "Americanos disparavam sobre americanos e japoneses sobre japoneses. Ninguém sabia quem disparava sobre quem." Tudo filmado num único plano-sequência em *plongée* (o ponto de vista das aves para o combate de formigas): o que Fuller chama o "close-combat". A sequência foi retirada e alguns

planos cortados dela incluídos na encenação duma batalha convencional feita por outro realizador contratado. A diferença é enorme. Basta compará-la com qualquer outra dos outros filmes de guerra de Fuller. Àquela distanciação analítica do jornalista testemunha da guerra que é o olhar predominante de **Steel Helmet**, sucede-se planificação banal de qualquer anónimo filme de guerra, onde a marca de Fuller se encontra nalguns caracteres de soldados, e nalguns momentos fabulosos de diálogo ("Para andar em frente basta por um pé à frente do outro"). Ainda segundo Fuller todo o final foi alterado pela companhia, transformando uma exposição fria e lúcida da guerra (o discurso de Merrill aos soldados depois do ataque cardíaco) numa gratuita exibição de patriotismo.

Apesar das alterações que o argumento sofreu a forma peculiar de Fuller encenar os seus soldados em guerra subsiste em toda a sua força em **Merrill's Marauders**, que bem poderia ter sido uma confluência dos anteriores filmes bélicos do autor, no conflito que opõe Merrill ao tenente Stockton, no retrato de algumas figuras (o sargento Kolowicz, interpretado por um excelente actor de composição, Claude Akins, e que é um prolongamento dos sargentos criados por Gene Evans) e no delineamento de situações: o ataque e ocupação da aldeia e estação de caminho de ferro. Antes de chegarmos a um dos grandes momentos do cinema de Fuller, cabe ainda referir outra das operações das tropas de Merrill: o assalto à base japonesa com os japoneses emboscados nas árvores, um plano que vem directamente de **The Steel Helmet**, embora neste caso o preto e branco e a neblina lhe dessem uma característica de irrealidade e de terror ausente da mesma sequência de **Merrill's Marauders**.

E é logo a seguir que tem lugar um dos momentos mais fulgurantes do cinema de Fuller: o referido ataque à estação, em cada plano está construído numa função geométrica precisa que vai culminar naquelas imagens languianas dos soldados correndo como cegos entre os grandes blocos de cimento, de função semelhante à do templo de **The Steel Helmet** e à da grande roda de **House of Bamboo**. A culminar esta encenação brilhante, que por si só justificava a visão do filme, um daqueles momentos fullermanos inimitáveis: a granada despoletada que passa de mão em mão até ser atirada, encenada com a mesma crueza e distanciação da morte do coreano no templo de **The Steel Helmet**. A sequência culmina na panorâmica em *plongée* sobre o terreno da estação coberto de mortos e feridos que possui a mesma força, sem a retórica grandiloquente e patriótica de idêntico plano na estação de Atlanta em **Gone With the Wind**.

O filme tem uma abertura tipicamente fullermana: uma voz *off* vai expondo a situação dos aliados na Birmânia ilustrada por documentos sobrepostos sobre a imagem da selva acabando a certa altura por se confundirem uma na outra (vale a pena destacar desde já a belíssima fotografia de William Clothier), entrando de imediato na acção. Como em **The Steel Helmet** e **Fixed Bayonets** o que importa são os soldados e não a missão, porque esta não é mais do que um trabalho que têm de levar a cabo. Assim, mais do que qualquer noção patriótica o que está em causa de novo é a sobrevivência (e é pena que Fuller não tenha podido fazer o filme como queria), pela qual se chega ao limite da resistência, mesmo que seja um general (ao contrário de outros filmes de guerra Fuller insiste no carácter frágil da saúde de Merrill, sempre à beira do ataque cardíaco que no final acaba por derrubá-lo). Uma luta pela sobrevivência que, em condições determinadas, toma o nome de heroísmo que, no fundo, é a tese de todos os filmes de guerra de Fuller, de **The Steel Helmet** a **The Big Red One**.

Manuel Cintra Ferreira